

---

---

# terra roxa

## e outras terras

Revista de Estudos Literários

---

---

### ESPAÇOS E TRAVESSIAS NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE

Roseane Oliveira de Araújo Félix<sup>1</sup> (UFCAT)  
e João Batista Cardoso<sup>2</sup> (UFCAT)

RESUMO: Este estudo teve como objetivo investigar as relações entre o sujeito migrante e os espaços de sua travessia, bem como a postura deste sujeito diante do desconhecido. Para tanto, utilizamos como corpus de análise os capítulos intitulados: “Essa terra me chama” e “Essa terra me enxota” do romance *Essa Terra* (1976), de Antônio Torres. O objetivo é refletir sobre um momento histórico em que a falta de perspectiva e a ameaça à sobrevivência no meio rural fizeram aumentar a migração para as cidades. Como suporte histórico-crítico nos embasamos nas contribuições e reflexões de Borges Filho (2005), Bhabha (1998), Bezerra Júnior (2014), García Canclini (2008), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: deslocamentos; análise espacial; topoanálise; *Essa Terra*.

### SPACES AND CROSSINGS IN THE CONSTITUTION OF IDENTITY: LOSSES AND ABSENCES IN CONTEMPORARY LITERATURE

ABSTRACT: This study has aimed to investigate the relationships between the migrant subject and the spaces they cross, as well as the subject's posture in the face of the unknown. For that, we used as a corpus of analysis the chapters entitled: “Essa terra me chama”, and “Essa terra me enxota”, from the novel *Essa Terra* (1976), by Antônio Torres. The purpose is to reflect on a historical time when the lack of perspective and the threat to survival in rural areas increased migration to cities. As historical-critical support, we based on the contributions and reflections of Borges Filho (2005), Bezerra Júnior (2014), García Canclini (2008), Bhabha (1998), among others.

KEYWORDS: displacements; space analysis; topoanalysis; Antônio Torres; *Essa Terra*.

Recebido em 6 de agosto de 2020. Aprovado em 17 de dezembro de 2020.

---

<sup>1</sup> roseane.catalao@gmail.com - <http://lattes.cnpq.br/4569924107958940>

<sup>2</sup> jbccard@gmail.com - <http://lattes.cnpq.br/4983523723863605>

## INTRODUÇÃO

A obra *Essa terra*, do renomado escritor baiano Antônio Torres, membro da Academia Brasileira de Letras, lançada primeiramente em 1976 é considerada a obra prima do autor; traduzido em vários idiomas, o romance narrado por Totonhim traz a Torres o reconhecimento que consolida seu nome no panorama da ficção brasileira contemporânea.

O leitor tem contato com a história da família Cruz, composta por pai, mãe e irmãos; o narrador apresenta os anseios, desejos e frustrações dessa família que elegem a Nelo, o filho mais velho, como herói, dando-lhe a missão de migrar em busca de uma vida melhor para si e para tantos outros que vivem de forma miserável. O destino escolhido é São Paulo, lá Nelo trabalha e manda dinheiro para a mãe; isso gera no imaginário de seus familiares e dos demais moradores do Junco, interesse em migrar também, pois viam na migração a solução para os problemas.

No decorrer da narrativa, percebemos os impactos causados pela cidade grande no sujeito migrante. *Essa terra* revela as mazelas e decadência do homem do campo — na obra, representada por Junco, cidade do interior da Bahia — a partir da entrada do capitalismo travestido de boas intenções. A presença do Banco na narrativa desencadeia a derrota do sertanejo que, inocente, contrai dívidas a juros altos, fazendo empréstimos para investir numa terra árida e infértil, incapaz de dar retorno aos investimentos.

O Banco volta para cobrar a dívida acumulada; as personagens iniciam então, uma luta para não perderem os bens que lhes restavam. Com o intuito de pagar o empréstimo, as terras são vendidas por um valor módico. Sem terras e sem casa, se veem obrigados à migração. A família numerosa é dispersa, locais diferentes são adotados como abrigo.

Nelo, por sua vez, já em São Paulo, passa por dificuldades e não consegue mais enviar dinheiro para a família. Na capital, além da falta de emprego, sofre por não ser aceito na sociedade e quando enfim, consegue voltar para o Junco, vinte anos depois de sua partida, encontra-se derrotado e doente.

Os capítulos que selecionamos para leitura e análise apresentam apenas uma pequena amostra do que a obra *Essa Terra* pode oferecer como objeto de estudo. O enredo do romance apresenta, portanto, a história do fracasso das personagens em sua retirada para o sul e suas esperanças desenganadas ao fazerem contato com diferentes espaços.

## **ESSA TERRA ME CHAMA E ME ENXOTA: O DES(RE)CONHECIMENTO DA PERSONAGEM NO ENTRELUGAR**

No estudo do espaço em obras literárias, fazemos uso do termo topoanálise, conceituado primeiramente por Gaston Bachelard em sua obra *A poética do espaço*. Para esse teórico, topoanálise seria o estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima. No entanto, Ozíres Borges Filho, na obra *Espaço e Literatura: uma introdução à topoanálise*, acrescenta mais reflexões ao termo. Para o pesquisador e crítico literário a topoanálise é mais que o estudo do psicológico, pois abarca outras abordagens sobre o espaço, tais como, inferências sociológicas, fisiológicas etc. Não se restringe à análise da vida íntima, mas abrange também a vida social e todas as relações do espaço com a personagem, seja no âmbito cultural ou natural.

Dessa forma, a obra *Essa terra*, de Antônio Torres, oferece condições para se aplicar determinadas problemáticas do espaço literário. No caso em estudo, a ênfase volta-se, primordialmente, às questões psicológicas e emocionais das personagens com o meio em se encontram inseridas.

Associando tristeza e esperança, numa forma dramática, humorística e irônica, esse romance retrata os migrantes nordestinos das áreas rurais, nos momentos mais difíceis de seu encontro com o desconhecido. Entre as personagens e os espaços da obra em análise há conflitos no convívio; assim, por meio das relações entre os membros de uma família do Junco (cidade do interior da Bahia) e entre estes e o mundo, a obra mostra o problema da migração nordestina para o sul, numa trajetória de desumanização marcada por rupturas psicológicas e sociais, decorrentes da perda da identidade, pelo desconhecimento de si mesmo em terras alheias. No caso em estudo, a ênfase volta-se, primordialmente, às questões sociológicas e emocionais das personagens, questões adensadas em sua relação com o meio em que se encontram inseridas.

Nessa trajetória de retirada para o sul o indivíduo é transformado em decorrência dos contatos com a paisagem de sua travessia; mesmo residindo num espaço, encontra-se alheio a ele; esse alheamento é provocado pela dificuldade de identificação com o outro, que possui comportamentos, hábitos e costumes que lhes são diferentes; para tanto, conforme reitera Silva: “as culturas em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Quando ocorre o deslocamento o indivíduo é confrontado com novas identificações locais” (2010: 103), resultando desse contato um hibridismo cultural cujo reflexo se dá tanto na identidade individual quanto coletiva.

Os deslocamentos abordados na obra provocam o desenraizamento e a derrota, que culminam no suicídio da personagem Nelo, quando não suporta o peso da esperança frustrada nem a angústia de ver sua frustração exposta aos que o tomavam como modelo de coragem, astúcia e sucesso. A postura de Nelo confirma o que Borges Filho ressalta em seu estudo sobre Topoanálise ao afirmar que “a armação do espaço na obra literária é importante para as ações da personagem e desempenha

inúmeras funções dentro da narrativa” (2005: 93); portanto, os espaços por onde o indivíduo transita no decorrer de sua vida interferem diretamente em sua atitude.

No sul, a reação manifestada pela personagem é de estranhamento, tudo ao seu redor é novo e isto a assusta ao ponto de fazê-la desejar sua terra ancestral. As dificuldades enfrentadas ao lidar com a alteridade, aqui representada pela identidade e pela cultura do outro, torna o sujeito migrante um estranho a si mesmo que, por sua vez, tem a identidade esfacelada por consequência dos deslocamentos.

O sertanejo não se reconhece na outra realidade para onde se exilou, como lembrou o pai de Nelo no capítulo “Essa Terra me enxota”, quando migrou para Feira de Santana, onde “era tudo tão diferente. Não conhecia ninguém, nenhum de seus compadres estava nestas ruas, nestas casas” (Torres 1988: 55). É da ausência do outro em cuja imagem poderia projetar seus desejos, seus sonhos e sua voz que a personagem, estranhando e desconhecendo a si mesmo, descobre-se perguntando: “— Quem sou eu? [...] Assim nos vemos: quietos, calmos, encobertos por milhões de mandamentos que nos impedem de dizer o que somos” (Torres 1988: 71). A personagem reconhece, enfim, um conjunto de determinantes ideológicos que lhe impedem de se assumir como pessoa em sua plenitude.

Quando deixa seu espaço original, o migrante torna-se diferente, porque o outro com quem conversa e se relaciona na outra terra para onde vai tem outros costumes e, não raro, outras crenças; ouve outro tipo de música e dança sob outro ritmo. Isso implica uma forma de desenraizamento e frustração que retratam um aspecto recorrente na sociedade brasileira de meados do século XX, quando recrudescem o espetáculo dos retirantes que saem do nordeste do país em direção ao sul.

O espaço tem capacidade tanto de influenciar quanto de transformar a personagem. Zé, o farmacêutico, quando chega ao Junco passa por transformações, “já não era o homem manso e delicado de antes [...] vindo do Irará, uma terra infinitamente mais civilizada” (Torres 1988: 37), viver naquele espaço possibilitou que a personagem fosse moldada conforme os costumes e maneiras dos moradores locais.

Outras vezes, percebemos a influência da personagem sobre o espaço, como é o caso do sargento de polícias vindo para o Junco, ao chegar àquele espaço, leva novidades que jamais foram objeto de experiências pelos moradores do lugar. “Uma nova era haveria de começar numa terra sempre igual a si mesma, dia após dia: gente se amontoando na janela do sargento, para ver a novela das oito, na televisão — esse milagre que só um homem da capital poderia nos ter revelado” (Torres 1988: 42). Vem daí um estranhamento de mão dupla: quem chega da capital se sente estranho no Junco, da mesma forma que os moradores desse lugar não reconhecem seu modo de vida no forasteiro.

A ação da personagem é, portanto, motivada pelo espaço a que pertence. Quando Nelo vivia no Junco, tinha o costume de se banhar no rio e ver de perto o crescimento da plantação; fenômeno comum aos espaços rurais. Logo, o Junco e seus elementos naturais favorecia tal ação. Em contrapartida, ao chegar a São Paulo, sua ação é modificada pelos fatores daquele outro espaço, no lugar de um rio com águas correntes

para se banhar, a personagem terá que lidar com a poluição do Tietê. Ao acordar sua visão lhe reserva grandes prédios e indústrias, ao contrário do Junco que lhe favorecia a contemplação da natureza: “era bonito ver uma plantação nascendo, e mais bonito ainda era vê-la crescer, as folhas se abrindo, orvalhadas, de manhãzinha” (Torres 1988: 46).

Conforme proposto por Borges Filho, o espaço em obras literárias é composto por cenário, natureza e ambiente; segundo ele, “o ambiente é o cenário ou a natureza impregnados de um clima psicológico” (2005: 99). Os ambientes construídos na obra *Essa Terra* muitas vezes estão relacionados com a camada psicológica das personagens, muitas vezes relembrados em tom de nostalgia, guardada na memória e resgatada pelo narrador em momentos específicos da narrativa, a fim de dar sentido à determinada cena, como nos excertos que apontam para a importância que o ambiente exerce sobre as pessoas: “– Diga a ele que ele nasceu ali – meu tio apontou para o lado do curral da matança. – Diga também que eu carreguei ele no meu ombro [...] Eu estava louco para tomar um banho no tanque velho (lá mesmo, onde todos nós vamos morrer afogados) e queria que meu irmão fosse comigo” (Torres 1988: 18).

O encontro entre dois irmãos que não se conheciam mexe com as emoções deixando expectativas naquele que era considerado o exemplo da família. Totonhim, após três semanas desfrutando da companhia do irmão mais velho, vai ao seu encontro tentando despertá-lo do sono, pois conforme o narrador da obra “o grande homem parecia ter voltado apenas para dormir” (Torres 1988: 18). A descrição de um cenário composto por elementos da natureza justapostos a determinada personagem desencadeiam um ambiente, como podemos perceber em um trecho da obra de Antônio Torres:

Era meio-dia e eu sabia que era meio-dia simplesmente porque ia pisando numa sombra do tamanho do meu chapéu, o único sinal de vida na velha praça de sempre, onde ninguém metia a cabeça para não queimar o juízo [...] a alpercata esmaga minha sombra, enquanto avanço num tempo parado e calado, como se não existisse mais vento no mundo. Talvez fosse um agouro. Alguma coisa ruim, muito ruim, podia estar acontecendo. – Nelo – gritei da calçada – não houve resposta. Não houve e houve. Na roça me falavam de um pássaro mal-assombrado, que vinha perturbar uma moça, [...] a qualquer hora da noite. Podia ter sido o meu irmão quem acabava de piar no meu ouvido, [...] atordoado me apressei e bati na porta e bastou uma única batida para que ela se abrisse – e para que eu fosse o primeiro a ver o pescoço do meu irmão pendurado na corda, no armador da rede. (1988: 17)

Percebe-se que os elementos que compõem a cena do suicídio de Nelo são conjunções entre natureza e cenário que culminam num ambiente que prediz a ação da personagem. O mau presságio sentido por Totonhim encontra ressonância na natureza por meio do som transmitido pelo pássaro noturno, ou como salienta Borges Filho, “a natureza reforça a ação, propiciando uma extrema coesão e coerência dentro da narrativa” (2005: 100), o que antes parecia um sono profundo materializa no sono

eterno, ou seja, a morte da personagem que voltou para sua terra após sofrer transtornos psíquicos e o esfacelamento de sua identidade e cultura.

Os espaços na narrativa literária são carregados de memórias, cuja preservação se dá pela relação afetiva que as personagens mantêm com seu local de origem. No capítulo intitulado “Essa terra me enxota”, o pai de Nelo é a personagem que mais demonstra essa relação de afetividade com o espaço que lhe pertencia, e busca, por meio da memória, preservar as histórias ali vividas: “O velho bateu a cancela sem olhar para trás. Mas não pôde evitar o baque, o último baque. Três pastos, uma casa, uma roça de mandioca, arado, carro de bois, cavalo, gado e cachorro. Uma mulher, doze filhos. O baque da cancela era um adeus a tudo isso” (Torres 1988: 49). Percebemos neste fragmento que a personagem guarda um carinho especial por aquele espaço, no entanto, sua partida é inevitável, desta maneira resta-lhe a dor causada pela separação. Com o afastamento do lugar natal as lembranças de outrora vão surgindo, de modo que,

a casa da lembrança se torna psicologicamente complexa [...] os valores de intimidade aí se dispersam, não se tornam estáveis, passam por dialéticas [...] além das lembranças, a casa natal está fisicamente inscrita em nós [...] essa região das lembranças bem detalhadas, facilmente guardadas pelos nomes das coisas e dos seres que viveram na casa natal, pode ser estudada pela psicologia corrente. Mais confusas, menos bem delineadas, são as lembranças dos sonhos que só a meditação poética nos pode ajudar a encontrar. A poesia, em sua função maior, nos faz reviver as situações do sonho. A casa natal, mais que um protótipo de casa, é um corpo de sonhos. (Bachelard 1993: 207)

Deixando a casa natal, a família Cruz, por alguns instantes passa por um transe; não fazia parte dos planos abandonar o lar; revive os sonhos ali construídos; o baque da cancela está figurado nas emoções da personagem que prefere partir sem ao menos olhar para trás, na tentativa de controlar seus sentimentos, procurando assim dar novo rumo à vida, pois “se olhasse para trás, veria a grande árvore na porta, sombreando o avarandado – a árvore que ele, a mulher e o filho mais velho plantaram” (Torres 1988: 49). Atrás ele vê sua história, suas memórias, à frente está seu futuro, o desconhecido. A partir dali precisaria trilhar novos caminhos, muitas vezes, incertos. Então, a personagem passa a viver no entrelugar, uma vez que no Junco não há mais possibilidade de sua permanência devido às precárias condições que o local lhe oferece. No outro espaço, para onde vai, terá que colocar em prática a adaptação e o entrosamento com o outro como estratégia de sobrevivência, porque lidar com o diferente torna-se um desafio constante.

Entre São Paulo e Junco há o intermeio que são as diferenças vividas pelas personagens, na medida em que vão se modificando ao longo do caminho. Nesse intervalo elas vivem em constantes dúvidas sobre qual espaço será o melhor para viver. Por ora têm a ilusão de que São Paulo é a terra da felicidade, “cresce logo, menino, pra você ir para São Paulo”, mas quando chega lá que percebe outra realidade: “aqui vivi e morri um pouco todos os dias. No meio da fumaça, no meio do dinheiro. Não sei se fico ou

se volto. Não sei se estou em São Paulo ou no Junco” (Torres 1988: 47). Os dois espaços trazem conflitos para as personagens. Dessa forma, Vicentini questiona:

Mas afinal que terra é essa que o livro *Essa terra* demonstra? São Paulo ou Junco, como os dois extremos da corda? A ambiguidade reina, a começar pelo demonstrativo *essa*. Enquanto dêitico, ele é intermediário. Não indica um lugar muito próximo do interlocutor, que usa *esta* neste caso, nem um lugar muito longe, quando o interlocutor, então, usaria *aquela*. O que significa que pode ser tanto um quanto o outro, num movimento cíclico. (1998: 52)

Sobre a noção de entrelugar, Homi Bhabha assevera ser este o “terceiro espaço”, aquele em que há o encontro de culturas, “é algo que acompanha a ‘assimilação de contrários’ que cria a instabilidade oculta e que pressagia poderosas mudanças culturais” (1998: 69). Desse encontro deriva o sujeito híbrido que carrega consigo uma bagagem multicultural; é, portanto, “o fio cortante da tradução e da negociação, o entrelugar, que carrega o fardo do significado da cultura” (Bhabha 1998: 69), disseminada por diferentes comunidades com o intuito de evidenciar a capacidade de adaptação do ser humano.

Essa adequação a novos hábitos desencadeia na desconstrução da identidade. O sujeito se vê impossibilitado de viver em terra estrangeira sem antes passar pelo processo de adaptação ao local de chegada. Não há, no entanto, uma perda, mas sim uma fragmentação identitária e cultural. É como se ele, ao chegar, desfizesse sua bagagem, colocando cada item no seu devido lugar, necessitando no fim, adotar novos itens para complementar aquilo que lhe falta para que haja harmonia, ou seja, o sujeito desconstrói para em seguida reconstruir conforme estabelecido pelos indicadores padrão da sociedade, ou como afirma Hall:

a identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o ‘interior’ e o ‘exterior’ – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a ‘nós mesmos’ nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, ‘sutura’) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis. (2015: 11)

Percebemos então que a personagem passa por um hibridismo cultural que, de acordo com Silva: “tem sido analisado, sobretudo, em relação com o processo de produção das identidades nacionais, raciais e étnicas” (2009: 87). Consequentemente, essa mistura advinda do processo de hibridização coloca em perigo aquelas identidades fundamentalmente separadas. Assim, García Canclini considera que “a hibridação ocorre em condições históricas e sociais específicas, em meio a sistemas de produção e consumo que às vezes operam como coações, segundo se estima na vida

de muitos migrantes” (2008: 29). Contudo, com o fenômeno migratório, as culturas homogêneas cedem espaço para se instalar nas camadas populares a heterogeneidade multicultural.

O hibridismo é, portanto, um processo natural que ocorre como parte da diáspora, em consequência das relações com a alteridade. Esse processo culmina por produzir alterações nas identidades de origem, o contato com o outro conduz o sujeito a afirmar suas origens e defender sua identidade. Mas para tanto, García Canclini ressalta que “ter uma identidade seria, antes de mais nada, ter um país, uma cidade ou um bairro, uma entidade em que tudo o que é compartilhado pelos que habitam esse lugar se tornasse idêntico ou intercambiável” (2008: 190). No entanto, afirmar a própria identidade não quer dizer negar a identidade do outro, pois a troca de experiências entre comunidades é substancial para a sobrevivência do indivíduo, ou como reforça Bezerra Júnior, ao afirmar que “a resistência a culturas externas impede o sujeito de se abrir a novos horizontes com os quais venha a se deparar em outras partes do mundo” (2014: 15), afinal, a complexidade sociocultural contribui para a existência de sociedades cada vez mais heterogêneas.

As personagens de Torres vivem uma relação conflituosa com o desconhecido. Em *Essa Terra*, Nelo, *a priori*, em sua adolescência, efabula que ao chegar a São Paulo sua vida será transformada de maneira positiva. No entanto, quando enfim tem o desejo realizado, encontra dificuldades em se inserir naquele espaço e percebe que tudo não passava de fantasia, ao afirmar que “São Paulo não é [como] se pensam no Junco” (Torres 1988: 50); a realidade que o cerca intimida suas perspectivas. Então o fascínio acaba e cede lugar ao medo, como pode ser percebido na fala da personagem em momentos de agonia, “ventos frios, homens fortes: do Sul e do Norte [...] cacos da minha cabeça voavam e se espalhavam pela calçada [...] no princípio foi apenas ilusão” (Torres 1988: 43). Essas contradições encontradas no outro espaço apresentam um sujeito em crises psicológicas e sociais, decorrentes da migração, falta de oportunidades e de sua dificuldade de adaptação com o diferente. A mesma sensação de incompletude acontece com os demais integrantes de sua família, ao deixarem o Junco na busca pelo paraíso, ou na procura por condições de sobrevivência. Consoante a isso, Campos e Rodrigues ressaltam que “O fenômeno migratório não é simplesmente processo de deslocamento populacional de um local mais pobre para um mais rico. Em torno do migrante está contida uma áurea (*sic*) de dor, alegria, saudade, esperanças e ilusões. Lembranças do que deixou e sonhos do que pretende conquistar” (2011: 36).

Os pressupostos de Borges Filho, no estudo acerca da teoria da Topoanálise, trazem ao lume o termo topopatia, o qual faz referência às emoções que envolvem personagens e espaço. Para ele, “essa relação passional pode dar-se de duas formas. [Quando] a personagem sente-se bem no espaço em que se encontra”, desencadeando a topofilia. Na segunda forma em outros casos; a saber: “a ligação pode ser de tal maneira ruim que a personagem sente mesmo asco pelo espaço” (Borges Filho 2005: 117), tornando-se maléfico para si, daí o termo topofobia. Tem-se, portanto, as duas formas reduzidas à topopatia e à topofobia.



Em algumas personagens de Antônio Torres, topofilia e topofobia são traços marcantes no decorrer do romance, pois os sujeitos ali representados transitam por diferentes espaços e essa mudança causa transtornos identitários e psíquicos, uma vez que cada espaço carrega consigo uma história e modos de vida distintos. O espaço representado pela pequena cidade de Junco, no interior da Bahia, transmite segurança; logo, a topofilia aparece nos casos em que a personagem demonstra sua relação com o lugar ao descrevê-lo de maneira poética:

O Junco: um pássaro vermelho chamado Sofrê, que aprendeu a cantar o Hino Nacional. Uma galinha pintada chamada Sofraco, que aprendeu a esconder os seus ninhos. Um boi de canga, o Sofrido. De canga: entra inverno, sai verão. A barra do dia mais bonita do mundo. O cheiro de alecrim e a palavra açucena. E eu, que nunca vi uma açucena. Os cacos: de telha, de vidro. Sons de martelo amolando as enxadas, aboio nas estradas, homens cavando o leite da terra. O cuspe do fumo mascado da minha mãe, a queixa muda do meu pai, as rosas vermelhas e brancas da minha avó. As rosas do bem-querer: – Hei de te amar até morrer. Essa é a terra que me pariu. (Torres 1988: 19)

Os nomes Sofrê, Sofraco e Sofrido possuem uma ênfase semântica que se relacionam, chamando a atenção do leitor para atribuir sentidos às palavras e abranger seus significados. A escolha semântica das palavras adotadas pelo autor é relacionada ao comportamento desses seres que denotam sofrimento – o pássaro Sofrê com seu canto melancólico, a galinha Sofraco que emite um som parecido com a palavra “tô fraco”, ou seja, vive de lamentações, e o boi Sofrido, que tem sua vida reduzida à servidão. Esses três elementos da natureza local representam um todo formando assim característica comum do espaço e de seus indivíduos.

Por meio da descrição do lugarejo de Junco, percebemos um espaço que não goza de atrativos positivos. Mesmo assim desperta em seus moradores uma força telúrica capaz de se fazer amado, apesar dos dissabores provenientes de “um lugar esquecido nos confins do tempo” (Torres 1988: 19) pelo sistema político. A cena apresentada é composta por elementos que caracterizam determinado espaço e, conseqüentemente, as pessoas que ali vivem. Apesar da aura de sofrimento figurada nos elementos da natureza, o pássaro Sofrê, a galinha Sofraco e o boi Sofrido, a personagem consegue se identificar e amar até a morte uma terra inóspita, mas que para ele é a representatividade do lar acolhedor com o qual interage.

Diferentemente da topofilia, a topofobia provoca a negação da personagem em relação a determinado espaço, a segurança é substituída pela incerteza. Em São Paulo, sem emprego, sem família e sem dignidade, Nelo percebe que “no princípio foi apenas ilusão” (Torres 1988: 43). A idealização que mantinha sobre aquela cidade é interrompida pelo fracasso. Os planos de se tornar um homem bem sucedido e que “dava sorte com as mulheres” são frustrados, porque naquele outro espaço ele assume o papel do marginalizado e luta contra forças superiores.

Perseguido pela polícia, Nelo deseja reencontrar os filhos e a esposa para reconstituir sua família; num espaço topofóbico a personagem sofre: “– me apalpam, me beliscam, os faróis me atordoam, o povo me rodeia, todo mundo quer ver, o que foi que houve, um ladrão. Comecei a chorar. Estão me matando. Devem ser uma dúzia de homens, fardados e armados. Aqui, no meio da rua. Na grande capital” (Torres 1988: 44-47). A sensação que esse ambiente transmite é de sufocamento, “o espaço é a projeção psicológica da personagem. E essa projeção pode ser de uma característica intrínseca da personagem ou de um estado momentâneo” (Borges Filho 2005: 94).

De acordo com Gonçalves, “o espaço em *Essa terra*, tanto da cidade quanto do sertão, alterna-se entre a elevação e o rebaixamento, entre a descrição entusiasmada das características e possibilidades da nova terra em que a cidade se configura e a desesperança com a aspereza desse lugar” (2018: 445). Entre o Junco e São Paulo, as personagens encontraram-se num plano alheio à realidade vivida, as condições de sobrevivência se encontravam do lado oposto àquela terra que as expulsou; isto é, elas foram, conforme o narrador de *Essa Terra*, para “o sul de Alagoinhas, para o sul de Feira de Santana, para o sul da cidade da Bahia, para o sul de Itabuna e Ilhéus, para o sul de São Paulo – Paraná, para o sul de Marília, para o sul de Londrina, para o sul do Brasil”, pois acreditavam que a “sorte estava no sul, para onde todos iam” (Torres 1988: 61-62).

Na obra *Essa Terra*, encontramos o sertanejo que para fugir das secas, busca as terras do Sul como redenção. O sul é, simbolicamente, o paraíso das personagens; um espaço com sentido de prosperidade. O paraíso é, portanto, um espaço físico que interage com o espaço psicológico interior da personagem, na medida em que lhe dá novas nuances a identidade.

A partir dessas reflexões podemos dizer que a obra literária é um dos recursos disponíveis para um estudo topoanalítico. É evidente a relação entre personagem e espaço, vivida no processo de construção da narrativa. A intenção desse estudo foi, portanto, trazer ao lume alguns apontamentos sobre o espaço, que despertaram nossa atenção ao longo da leitura da obra *Essa terra*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acompanhamos por meio da família Cruz o retrato da sociedade com o drama do nordestino que para sobreviver precisa buscar as capitais desenvolvidas. Na obra são retratados aspectos culturais, políticos, econômicos e sociais que dialogam com a história, desnudando momentos de tensão vividos por uma classe oprimida.

Percebemos que os espaços da opressão e do medo alimentam na personagem o desejo de encontrar outro espaço que seja capaz de condizer com suas expectativas. Daí surge uma ideia de paraíso como contraste em relação ao Norte e ao Sul. Estes espaços exercem sentimentos e funções sobre os sujeitos, provocando-lhes estranhamento e desconforto.

A partir da leitura proposta, entendemos que Junco e São Paulo são espaços que suscitam sonhos, no entanto, funcionam como molas propulsoras que conduzem o indivíduo a viver na fronteira. Essas terras carregam significados para as personagens; enquanto uma é a ressignificação do amor e da proteção a outra é fonte que proporciona a sobrevivência. Ambas chamam e em seguida enxotam.

Essa ação dos espaços sobre as personagens propicia a efabulação por um lugar utópico e as personagens passam a vislumbrar um lugar ideal para se viver em harmonia, afinal, Santos enfatiza que “a utopia é a exploração de novas possibilidades e vontades humanas, por via da oposição da imaginação à necessidade do que existe, em nome de algo radicalmente melhor que a humanidade tem direito de desejar e por que merece a pena lutar” (1999: 278), para conquistar a liberdade e viver de forma distinta àquela baseada na opressão. Independente da direção tomada, a imagem que se constrói é a de entes humanos desumanizados que, individualmente ou em grupos, reagem às condições adversas de sobrevivência em sua terra ancestral, partindo em busca de novos horizontes, onde acreditam ser possível sobreviver.

#### OBRAS CITADAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antônio da Costa Leal, Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BEZERRA JÚNIOR, Heleno Álvares. Para além do trauma intransponível: novas reflexões sobre a diáspora em ficção contemporânea. Paulo César Oliveira, Shirley de Souza Gomes Carreira, orgs. *Diásporas e deslocamentos: travessias críticas*. Rio de Janeiro: FGV, 2014.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BORGES FILHO, Ozíres. Em busca do espaço perdido ou espaço e literatura: Introdução a uma Topoanálise. Ozíres Borges Filho, Maria Aparecida Junqueira Veiga Gaeta, orgs. *Língua, Literatura e Ensino*. Franca: Ribeirão, 2005. 85-130.

CAMPOS, Luciene Lemos de, Luciano Rodrigues. Migrantes e migrações: entre a história e a literatura. *Albuquerque: Revista de História*, Campo Grande, v. 3, n. 5, p. 33-49, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/view/3968>.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Ana Regina Lessa, Heloísa Pezza Cintrão. 4ª. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

GONÇALVES, Rogério Gustavo. A instabilidade no universo ficcional de *Essa Terra*, de Antônio Torres. *Signótica*, Goiânia, v. 30, n. 3, p. 434-449, jul./set. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/46091>.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 12ª. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

SILVA, Amanda. São Paulo não é o que se pensa: uma leitura da trilogia torresiana. Cláudio Clédson Novaes, Roberto Henrique Seidel, orgs. *Espaço nacional, fronteiras e deslocamentos na obra de Antônio Torres*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. Tomaz Tadeu da Silva, org., Stuart Hall, Kathryn Woodward. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 9ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. 73-102.

TORRES, Antônio. *Essa Terra*. 8ª. ed. São Paulo: Ática, 1988.

VICENTINI, Albertina. O sertão e a literatura. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, vol. 1, n. 1, p. 41-54, jan/jun. 1998. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/1778>.